

Comunicação e Cultura

Local de atuação: Ceará, Pernambuco, Pará e Bahia

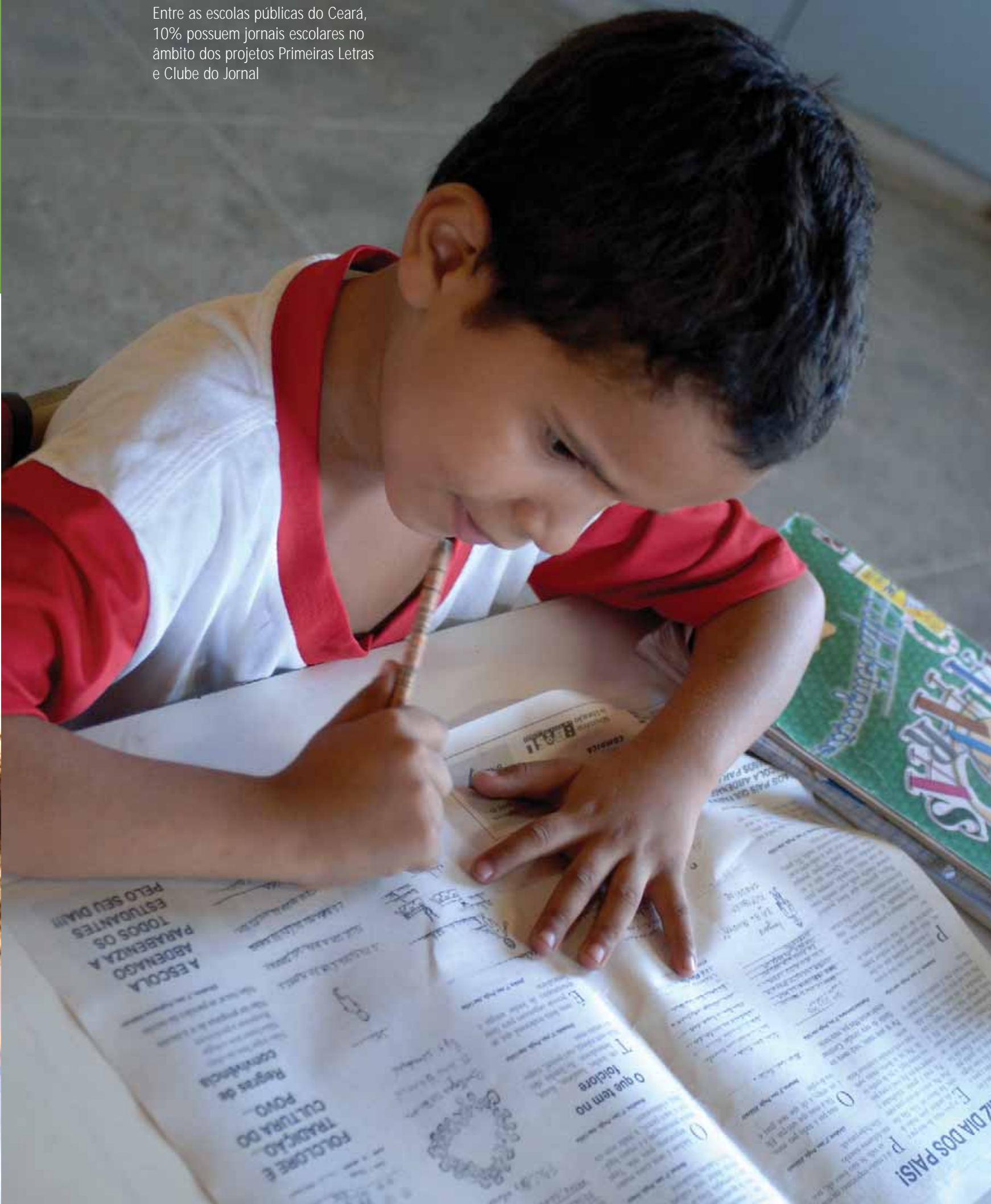
Data de fundação: 1996

Escolas comunicadoras

No Ceará, quase quinhentas mil crianças da rede pública estudam em escolas que unem ensino a comunicação por meio da produção de jornais escolares. São as chamadas escolas comunicadoras, que, por meio de impressos com tiragem aproximada de mil exemplares, amarram os conteúdos discutidos na escola e os divulgam para a comunidade, fortalecendo o elo entre a escola, os alunos e a família.



Entre as escolas públicas do Ceará, 10% possuem jornais escolares no âmbito dos projetos Primeiras Letras e Clube do Jornal



O projeto de produção de jornais escolares é coordenado pela organização não governamental Comunicação e Cultura, mediante duas ações – Primeiras Letras e Clube do Jornal. A primeira atende alunos do ensino fundamental (1ª a 8ª séries); a segunda reúne classes de ensino médio. “O principal objetivo é integrar os saberes produzidos na escola”, explica Neuma Moraes, coordenadora do Clube do Jornal.

Em 2006, o Primeiras Letras estava implantado em 10% das escolas do Ceará e imprimiu 2.300 edições, somando 1,4 milhão de jornais. Das 893 escolas inscritas no projeto, no período, 730 publicaram jornais.

Os resultados do Primeiras Letras mostram que a produção de jornal pode influenciar positivamente a discussão em sala de aula. Exemplo disso é o caso do tema da desertificação, um problema que ameaça cerca de 15% do território brasileiro, com foco especial no Nordeste. A equipe do projeto propôs que as escolas participassem de um concurso sobre o tema. Foram indicados livros e outras fontes de pesquisa. As discussões mobilizaram tanto os alunos e a

O principal objetivo do projeto é integrar os saberes produzidos na escola, explica Neuma Moraes, uma das coordenadoras do projeto



produção deles foi tão interessante, que acabou virando uma publicação – *Jornais Escolares Contra a Desertificação* – com textos e ilustrações produzidos nas escolas.

Um grupo de alunas da 5ª série escreveu uma letra de rap sobre o assunto: *Sei que muita gente aqui / não sabe do que estou falando / mas precisam saber que tem criança chorando / com sede, fome e falta de esperança / fugindo de suas terras / perdendo sua infância.*

“Quando fazemos um concurso indicando temas e materiais pedagógicos para pesquisa, pautamos a escola e influenciemos no aprofundamento da reflexão sobre determinado tema”, diz Daniel Raviolo, coordenador da Comunicação e Cultura. Além disso, os meninos e as meninas aprendem a perceber que o jornal tem um público leitor, que são as famílias dos estudantes e dos professores. Por isso, o jornal também precisa ser interessante para a comunidade. O resultado é que os alunos acabam ficando mais atentos às questões do bairro em que vivem.

Quando a discussão em algumas escolas foi a questão racial, Zumbi dos Palmares virou tema do *Jornal da Gente*, produzido pela escola Jornalista Durval Aires. Em outro jornal, o *Vivenciando Palavras*, os alunos fizeram uma edição sobre a importância do professor.

O Povo, um dos jornais mais influentes do Ceará, abriu espaço em uma das suas edições para textos de meninos e meninas do Primeiras Letras. Francisco Carlos, da escola de ensino fundamental Centro dos Retalhistas, escreveu sobre colegas que são diferentes da maioria. “Você é igual a todo mundo. Só muda o seu jeito de falar e de viver”.

O projeto Primeiras Letras tem um *site* (<http://www.jornalescolar.org.br>), em que todos os envolvidos na produção dos jornais se manifestam: professores, alunos, gestores de escolas e pessoas ligadas ao ensino público. É um espaço que a equipe do projeto usa para transmitir informações e disponibilizar manuais que ajudam na produção dos impressos escolares. O *site* é, sobretudo, uma ferramenta para fortalecer as escolas que produzem jornais – é um ponto de encontro eletrônico que favorece a formação de uma rede entre esses colégios.

Professor

Para que o Projeto Primeiras Letras seja implantado com sucesso, é preciso o envolvimento dos professores. Eles atuam como mobilizadores dos alunos e colocam o jornal no planejamento pedagógico, para que, de fato, seja usado como uma ferramenta escolar.



Os resultados do projeto Primeiras Letras mostram que produzir jornal pode influenciar positivamente nas discussões em sala de aula



Daniel Raviolo diz que, para implantar o jornal em uma escola, são necessárias três etapas – a primeira, de mobilização, a fim que os professores e a equipe entendam a produção dos impressos como forma cidadã de participar do cotidiano da escola. A segunda fase é a de integração, para garantir que o jornal fará parte do planejamento pedagógico. “O jornal não pode ser visto como um trabalho a mais e, sim, como uma ferramenta que potencializa os conhecimentos já ensinados”, diz Raviolo. “Por fim”, diz ele, “é necessário que os professores entendam que a ideia é simples; afinal a produção de texto é parte da rotina da escola. A diferença é que esse material será impresso e distribuído para a comunidade.”

“Teve uma edição em que escrevi sobre a natureza: fiz o desenho de uma árvore com crianças brincando, e flores. Minha mãe conseguiu um jornal e guarda até hoje. Quando os parentes vão em casa, ela mostra”, conta a menina Francisca de Moura, 9 anos, aluna da 3ª série do ensino fundamental.

Os temas dos jornais são acompanhados por meio de análise de conteúdo. Raviolo diz que os impressos funcionam como uma espécie de “inconsciente coletivo” da escola e muitas vezes revelam o que os relatórios oficiais omitem. Por exemplo, a equipe do Primeiras Letras fez uma pesquisa com quatrocentas edições de jornal, para ver se alguma delas trazia textos com a palavra “qualidade” – um dos principais objetivos da educação pública. Feita a busca, a palavra apareceu apenas cinco vezes.

A análise de conteúdo mostra também uma diferença no aproveitamento das escolas. “O projeto funciona onde a secretaria municipal e as escolas se apropriam da ideia”, resume Raviolo. A adesão das secretarias ao projeto é voluntária.

Não há pesquisas que indiquem a influência da produção do jornal escolar no desempenho dos alunos em leitura e escrita. Até hoje não foi feito um estudo comparativo, para saber se quem participa do projeto tem notas melhores em português, mas é fato que uma das principais deficiências dos alunos é em língua portuguesa e que isso é agravado pela falta do uso social da escrita – poucos têm o hábito de escrever cartas, por exemplo. O jornal escolar é uma forma de compensar isso.

Ronielle Lima dos Santos, de 14 anos, está na 8ª série. O menino adora escrever. Uma escola da rede pública de Fortaleza produziu manualmente o protótipo de um livro que ele escreveu, chamado *As aventuras do pequeno Bob*. Agora, a diretora procura uma editora para imprimi-lo. “É uma fábula que conta a história de um gato de rua, de uma galinha e de um cachorro que são pobres e têm que roubar na rua para se alimentar e dar dinheiro para o homem que os explora”, conta o menino que nasceu e cresceu na periferia de Fortaleza.

O pai de Ronielle é pescador; a mãe, dona de casa. Ele sonha estudar direito. “Meu pai não sabe ler e escrever. De vez em quando eu ensino algumas palavras, mas não é porque ele não sabe que eu não vou saber. É o contrário: se eu conseguir estudar, vou quebrar uma linha que tem na minha família.”



Para que o projeto seja implantado com sucesso na escola, é preciso contar com o envolvimento dos professores. São eles que mobilizam os alunos e incluem o jornal no planejamento pedagógico



“A leitura desperta sonhos”



Começamos a falar do jornal escolar pela alegria. Os alunos adoram participar, ficam muito felizes quando veem as matérias no jornal e isso melhorou a produção escrita da maioria. Nosso jornal se chama *Jornal da Gente* e funciona como um elo com a comunidade. A cada dois meses, discutimos o tema do jornal e isso é levado para a reunião de pais. Temos 1.500 alunos, procuramos dar um jornal para cada família.

Entramos no projeto de jornal em 1998 e hoje participam alunos da 1ª à 6ª série. A biblioteca é o centro do projeto. O segredo é trabalhar o jornal no planejamento escolar – os professores participam das decisões e praticamente todos os alunos se envolvem com produção de texto. Cada sala produz coletivamente dois textos e os próprios alunos decidem o que vai entrar. O material que não foi selecionado é fixado em painéis localizados na porta das salas de aula ou da biblioteca. Isso é muito importante porque os alunos não podem ficar desestimulados.

A melhora na escrita dos alunos é resultado do trabalho de leitura criado na escola e o jornal é um dos elementos desse projeto. Há uma sessão no jornal chamada “Grandes Leitores do Mês”, que cita o nome dos alunos que mais leram livros no período. Em março de 2006, emprestamos 762 livros para um universo de mil alunos. O jornal virou uma ferramenta do dia-a-dia da escola e temos ex-alunos que ganharam prêmios nacionais de redação.

Gosto muito do jornal, sou apaixonada por essa ideia. Acredito que os alunos crescem com a leitura. Sem sonhos a gente não vive, e a leitura é o despertar da criança para isso.

Nosso maior problema é que não damos conta de atender todas as famílias que nos procuram em busca de vaga. Chega mãe chorando, choramos junto. Mas lamentavelmente digo não, porque não temos vagas. São 30 alunos por classe até a 5ª série, depois passa para 45. Como vamos colocar mais gente?



*Anaerika Maia, vice-diretora, e
Maria Leonília Militão de Almeida, pedagoga
da escola Jornalista Durval Aires, em Fortaleza*

“Montei um grupo de desenho para ilustrar o jornal”



Moro num bairro bem popular que hoje se chama Planalto Airton Senna. O nome sempre foi Pantanal, mas ficou muito marcado na mídia por causa do grande número de assassinatos de jovens, então mudaram. Estudo em uma escola no município vizinho chamado Maracanaú. Tenho dois irmãos e uma irmã. Meu padrasto é motorista de uma empresa, e minha mãe é costureira e trabalha em casa.

Comecei a participar do jornal escolar quando estava na 4ª série. Sempre gostei de desenhar, então montei um grupo que fazia desenhos para ilustrar as matérias. Minha mãe dava o maior valor quando via meus trabalhos publicados. Meu irmão caçula já faz parte do jornal da mesma escola.

Na 8ª série, comecei a crescer o olho para o Clube do Jornal, que é o projeto que reúne as publicações dos adolescentes. Saía da sala de aula para ir beber água e passava para dar uma olhada na reunião dos mais velhos. Vi que eles faziam toda a produção sozinhos. Quando comecei a procurar uma escola para cursar o ensino médio, escolhi uma que tinha jornal escolar e fazia parte do projeto aqui da Comunicação e Cultura. Como éramos um grupo forte de amigos que já fazíamos jornal, fomos todos juntos para essa nova escola. Fizemos o Informativo Polivalente e ficamos lá três anos. Comecei a participar das oficinas de formação e fiz parte do Clube do Jornal.

Em 2005, quando abriu vaga para bolsista, me candidatei. Eram trinta candidatos para três vagas. Fiquei nervoso, assustado, mas sabia que era a primeira oportunidade da minha vida. Passei por todos os setores aqui da ONG e hoje trabalho como assistente administrativo. Não sou mais bolsista e meu salário ajuda em casa. Da turma de amigos que mudou de escola para fazer o Informativo Polivalente, ficamos só eu e um colega. Os outros, só encontro jogando bola na rua e nem todos terminaram o ensino médio. Em 2008, vou prestar vestibular para informática.

Logo que comecei a me envolver com o jornal escolar, minha mãe dizia que eu estava perdendo tempo, mas hoje ela faz questão que meus irmãos participem. Até hoje sou um elo entre a escola Polivalente e o Clube do Jornal. Eles me ligam para saber quando vão ter cursos, encontros e intercâmbios. Minha casa foi apelidada de “Clube Filhote”. As mães deixam os filhos comigo para virmos para cá.

Marcelo Anderson Andrade, 19 anos, ex-aluno

O projeto tem um *site* (www.jornalescolar.org.br) em que todos os envolvidos na produção dos jornais se manifestam

“Queremos que o jornal esteja na corrente sanguínea da escola”



O Primeiras Letras tem a mesma missão da escola – estimular a leitura e a participação dos adolescentes e jovens. Um dos aspectos mais importantes do jornal escolar é capacitar os professores para que eles sejam mobilizadores do processo de integração do ambiente escolar e possam usar o jornal para amarrar os conteúdos e discussões que ocorrem na sala de aula.

A educação precisa de ideias simples. O desafio é fazer que as escolas assumam o jornal como uma inovação e consigam implantá-lo e mantê-lo pelos próximos vinte anos. É preciso que o custo de produção seja pequeno – cerca de R\$ 900,00 anuais por escola para cinco edições –, mas que esteja assegurado no orçamento e que a ideia resista às mudanças de coordenadores. A rede de ensino é um campo de batalha com dezenas de projetos.

Temos o desafio de trabalhar em consonância com a realidade das secretarias de Educação, para construir uma ferramenta que possa ser utilizada por toda a rede pública brasileira. Queremos que a produção dos jornais escolares seja incorporada à corrente sanguínea da escola e que seja uma porta para integrar a comunidade. Assim, a escola cumpre seu papel de escola comunicadora.

O jornal aposta na melhoria da qualidade do ensino para estimular a participação infanto-juvenil e para que os alunos tenham mais cidadania e possam compartilhar valores e conteúdos com a comunidade.

*Daniel Raviolo, coordenador do
Projeto Comunicação e Cultura*

